

Ligações Perigosas: O Contexto e as Consequências da Transformação dos Capelães em Combatentes

Jacqueline E. Whitt

DESDE O INÍCIO do século XX, quando passaram a acompanhar integrantes das Forças Armadas estadunidenses no exterior, os capelães têm atuado como principais pontos de contato entre os militares e os civis estrangeiros. O trabalho dos capelães junto aos clérigos civis locais, às comunidades religiosas e às organizações de assistência tem sido o alicerce primordial desses relacionamentos. Desde a Guerra Hispano-Americana até os conflitos no Iraque e no Afeganistão, comandantes — e os próprios capelães — vêm acreditando que a autoridade religiosa e os conhecimentos culturais destes os tornam especialmente aptos a transpor diferenças culturais e a forjar relacionamentos nas redes que conectam as populações estrangeiras com as Forças Armadas estadunidenses¹. As interações dos capelães com as populações estrangeiras têm revelado não apenas as impressões sobre o papel deles no meio militar, como também a visão das Forças quanto à sua própria missão.

Durante a maior parte do século XX, os capelães interagiram com leigos e clérigos civis de seu mesmo grupo religioso. Desde o fim da Guerra Fria, no entanto, eles passaram a trabalhar cada vez mais com estrangeiros de diversas fés. A ampliação de seu papel oficial e sua interação com diferentes comunidades religiosas ressaltam sua potencial importância nas Operações de Informações e em processos decisórios táticos e operacionais². Ao mesmo tempo, a crescente composição evangélica do Quadro de Capelães Militares estadunidense, desde o término da Guerra do Vietnã, introduziu novas tensões em um ambiente operacional pluralista, uma vez que

alguns capelães evangélicos reivindicaram um direito fundamental e protegido pela Primeira Emenda Constitucional dos Estados Unidos da América (EUA): o de evangelizar e pregar entre os militares e as populações estrangeiras³. Quicá mais importante: são os próprios capelães que vêm impulsionando essas mudanças. Alvos frequentes do escrutínio de críticos, ativistas e comandantes, os capelães sempre buscaram uma missão que os tornasse indispensáveis e culturalmente relevantes para os militares.

Com o envolvimento dos Estados Unidos no Iraque e no Afeganistão — onde comandantes, políticos e especialistas concordam que

...a crescente composição evangélica do Quadro de Capelães Militares estadunidense, desde o término da Guerra do Vietnã, introduziu novas tensões em um ambiente operacional pluralista...

interações interculturais positivas são imprescindíveis para o cumprimento da missão — tornou-se algo corriqueiro pensar nos capelães como mediadores ou como “oficiais

Jacqueline Earline Whitt, Ph.D., é professora assistente do Departamento de História na Academia Militar dos EUA. Concluiu o bacharelado pela Hollins University, Estado da

Virgínia, e os cursos de mestrado e doutorado na University of North Carolina at Chapel Hill, Estado da Carolina do Norte.



Um capelão da Força Aérea ora pelos militares que servem na 532ª Força de Segurança Expedicionária, na Base Conjunta de Balad, Iraque, 18 Set 09.

de ligação religiosa”, adequados a esses ambientes de contrainsurgência⁴. Recentes estudos realizados por instituições externas às Forças Armadas e relatos informais obtidos de fontes internas sugerem que os capelães podem estar particularmente bem posicionados para mediar conflitos culturais e religiosos, sendo, portanto, vitais para a eficácia operacional militar e talvez até para o êxito estratégico⁵. É importante analisarmos o caráter histórico do relacionamento desses profissionais com as populações estrangeiras, porque tanto os próprios capelães como os analistas externos o utilizam como um precedente. Segundo essa perspectiva, formalizar a função como sendo de natureza operacional seria apenas oficializar papéis e processos que já vêm ocorrendo informalmente há mais de século. Contudo, há diferenças de extrema importância, e o processo para formalizar essas funções operacionais pode, na verdade, minar a eficácia do capelão em suas tarefas. Isso ocorreria, em parte, devido aos

relacionamentos citados possuírem um caráter informal e ambíguo, além de dependerem da vontade das partes. Embora muitos tenham louvado essa mudança como algo natural e positivo, ela tem se apoiado, de modo geral, em premissas não comprovadas e problemáticas sobre a natureza do diálogo inter-religioso e sobre a missão e as competências básicas do Quadro de Capelães. Caso não seja devidamente analisada, a formalização de funções operacionais para os capelães militares poderá acarretar graves consequências.

Em última análise, a tendência ameaça os papéis tradicionais e históricos dos capelães como líderes pastorais para os integrantes das Forças Armadas estadunidenses e como mediadores culturais informais junto às populações estrangeiras. É quase certo que priorizar um papel de “ligação religiosa” irá reduzir consideravelmente o tempo disponível do capelão para o atendimento pastoral e a orientação aos militares estadunidenses. Além disso — e talvez mais importante — em algumas

situações, operacionalizar um capelão como um oficial de ligação religiosa formal talvez ameace sua condição de não combatente e obscureça a linha divisória entre as responsabilidades da Igreja e do Estado (ou entre as responsabilidades religiosas e as militares). Assim, ao envolvê-los *oficialmente* — de modo direto, explícito e intencional — em missões nos níveis tático, operacional e estratégico, a organização estará minando o *status* um tanto ambíguo dos capelães, algo que sempre lhes conferiu uma gama ampla e flexível de papéis e funções em tempos de paz e de guerra.

Capelães do Século XX

A Guerra Hispano-Americana foi a primeira ocasião em que capelães acompanharam tropas estadunidenses no exterior, o que levou a um aumento considerável no efetivo de capelães voluntários nas Forças Armadas. Como os Estados Unidos haviam assinado a Primeira Convenção de Genebra em 1882, essa se tornou a primeira ocasião em que capelães foram tratados como não combatentes, durante uma guerra. Os Artigos I e II da convenção original os reconheciam como indivíduos neutros a serem “protegidos e respeitados pelos beligerantes” apenas quando estivessem junto a ambulâncias e hospitais. Nas demais situações, seu *status* era indefinido. Como diria o Capelão Leslie R. Groves Sr., “é melhor que não combatentes estejam fora do caminho quando as armas estiverem sendo disparadas”⁶. Em junho de 1898, Groves foi enviado para Daiquiri, em Cuba, onde posteriormente as

tropas da 2ª Divisão, do V Corpo de Exército, de Henry Ware Lawton, iriam combater na Batalha de El Caney. Durante a maior parte da campanha, Groves permaneceu junto a um hospital, trabalhando com as vítimas de um surto de febre amarela. Contudo, situações como essa abriram caminho para a ampliação da esfera de influência dos capelães.

...a formalização de funções operacionais para os capelães militares poderá acarretar graves consequências.

Nessa campanha militar, os capelães descobriram que nem sempre eram respeitados quando não estavam acompanhando o pessoal do serviço de saúde⁷. Em consequência, poucos deles atuaram perto da linha de frente, mas os que o fizeram estabeleceram uma rotina de prestar conforto religioso aos soldados no próprio campo de batalha — particularmente aos feridos. Ao término da Guerra, muitos capelães concluíram que seu lugar legítimo era junto ao combate, e não na área de retaguarda, nos postos de comando e hospitais. No século XX, a maioria dos capelães passou a ver esse papel como sendo sagrado. Mesmo em meio a acirrados debates políticos sobre o envolvimento dos EUA em guerras, os capelães defenderam que seu dever primordial era prestar apoio religioso aos soldados na linha de frente. Deveriam personificar a presença de Deus no terreno.

Um segundo aspecto de sua missão no exterior surgiu quando os capelães buscaram demonstrar sua utilidade para as Forças Armadas em combate. Eles se tornaram os principais candidatos para assumir as tarefas de não guerra dos exércitos de ocupação. O Capelão William D. McKinnon, quando estava servindo junto às tropas do Exército dos EUA em Manila, tentou negociar um acordo de paz para o conflito com o arcebispo católico local. Com a anuência do General (BG) Thomas Anderson, McKinnon atravessou o campo de batalha acompanhado por uma escolta espanhola e reuniu-se com o arcebispo. A reunião



Marinha dos EUA

Um capelão se dirige a militares do 5º Regimento de Fuzileiros Navais, durante missa católica, realizada em um dos palácios de Saddam Hussein, 19 Abr 03, Tikrit, Iraque.

acabou não dando resultado, mas confirmou que os capelães poderiam até mesmo transmitir mensagens oficiais a líderes civis — sobretudo quando seus comandantes estivessem dispostos a empregá-los como tal. Tempos depois, como parte das forças de ocupação pós-guerra nas Filipinas, McKinnon foi nomeado superintendente de educação em Manila e passou a responder pelo

No início do século XX... o potencial dos capelães como mediadores tornou-se mais evidente.

cargo de Adjunto Administrativo encarregado dos cemitérios — normalmente atribuído a oficiais de Intendência — ultrapassando, mais uma vez, a linha divisória entre as obrigações oficiais religiosas e as militares⁸.

No início do século XX, com o Exército e o Quadro de Capelães se profissionalizando, o potencial mediador de seus integrantes tornou-se mais evidente. Depois das Reformas de Root, implantadas no mesmo período, o Quadro de Capelães prosseguiu com sua profissionalização e aumento de prestígio, no âmbito do Exército. Os capelães conquistaram o direito de utilizar a insígnia do posto, e o processo de triagem e admissão de candidatos foi padronizado⁹.

Durante a Primeira Guerra Mundial, os capelães que serviram junto às tropas estadunidenses na Europa se concentraram em sua responsabilidade como ministros religiosos, atendendo aos

soldados. Contudo, quando se encontravam com civis e correligionários, eles atuavam sem a mesma mentalidade evangélica. Em uma carta, o Capelão Arthur Hicks, pastor da Igreja de Cristo, mencionou que os capelães trabalhavam ocasionalmente com a Escola Saint Mihiel, onde mais de 18 disciplinas eram lecionadas a alunos da área¹⁰.

Durante a Segunda Guerra Mundial, poucos duvidavam que o lugar do capelão era o campo de batalha. O Exército publicou o Manual de Instrução 16-205 — *O Capelão (Training Manual 16-205 — The Chaplain)*, que afirmava: “Quando as forças terrestres entrarem em ação, seu capelão deve estar com elas”. Sendo assim, na prática, podia-se esperar que os capelães “se movimentassem de um pelotão para outro” ou “trouxessem conforto espiritual aos feridos em áreas sujeitas a riscos”. O manual teve o cuidado de mencionar que o capelão não “se submete a riscos pessoais desnecessários [e] deve cuidar para que seus deslocamentos não revelem posições camufladas e atraiam o fogo do inimigo”. Ainda assim, o manual sugeriu que, no caso de grande quantidade de baixas, o capelão seria mais bem aproveitado em um posto de socorro avançado, onde poderia ajudar a evacuar os feridos ou a executar procedimentos médicos simples, como proteger ferimentos com bandagens. O capelão, que havia compartilhado do “perigo do combate” com os soldados, ganharia, assim, “uma posição de confiança junto a eles”, a qual iria “fortalecer tremendamente todos os seus esforços em oferecer instrução e inspiração moral e religiosa”¹¹.

À medida que foram ganhando acesso às linhas de frente, os capelães também passaram a ter contato com estrangeiros — fossem eles civis, militares, refugiados ou prisioneiros de guerra. Durante a Segunda Guerra Mundial, capelães militares estadunidenses frequentemente trabalharam com refugiados por toda a Europa — judeus, em sua maioria. Nesse aspecto, os poucos capelães judeus do Exército dos EUA serviram em uma função dupla: atendendo não apenas aos militares judeus, como também às comunidades judaicas nos acampamentos de refugiados e nas cidades pequenas. O Capelão David Max Eichhorn mencionou ter atuado extensivamente nessa área, incluindo a localização de “22 senhoras judias... cujos maridos e filhos [havia sido] deportados”



Exército dos EUA

Um capelão católico apostólico romano rezando missa junto a soldados da União, durante a Guerra Civil nos EUA.



Força Aérea dos EUA, Cb. Jason Epley

Um capelão conduz o Shabat no sexto dia da Festa de Chanucá, Base Conjunta de Balad, no Iraque.

e que os alemães haviam deixado na cidade para que representassem um fardo para a comunidade. Conduziu o funeral de uma mulher de 97 anos e cuidou de outras “com recursos arrecadados pelos soldados judeus e provisões fornecidas pelo Exército estadunidense e pelos franceses”. Ponderou: “Não há nenhum Exército como este em todo o mundo. Eu precisei pedir que esses homens não me dessem o tanto que pretendiam. Muitos queriam esvaziar os bolsos e me dar tudo o que tinham”¹². Contudo, por toda a guerra, essas iniciativas continuaram sendo informais e eram vistas como algo complementar à missão principal do capelão.

No mundo pós-guerra, os capelães assumiram uma função mais formal em suas interações com as populações estrangeiras, apesar de elas serem de caráter predominantemente pastoral e de não servirem a um fim operacional ou estratégico. Dois exemplos servem de ilustração. Nos Julgamentos de Nuremberg, o Exército designou um capelão luterano, Henry Gerecke, e um católico apostólico romano, Sixtus O’Connor, para atenderem aos criminosos de guerra nazistas,

com o intuito de respeitar a conhecida divisão entre protestantes e católicos alemães, de longa data. Os capelães e um psicólogo do Exército eram os únicos funcionários na prisão que sabiam falar alemão. A sensibilidade cultural, os conhecimentos linguísticos e sua credibilidade como figuras religiosas os capacitaram a interagir com os prisioneiros de modo pessoal e pastoral, e não apenas como militares¹³. Da mesma forma, os capelães judeus foram as principais pessoas a trabalhar com sobreviventes do Holocausto, depois da libertação dos campos de concentração. Um sobrevivente escreveu que o Rabino Abraham Klausner foi “rabino, amigo [e] irmão” e que ele havia se “tornado um de nós”. Klausner trabalhou estreitamente com organizações civis judaico-americanas e com os militares, para prestar atendimento religioso aos sobreviventes do Holocausto¹⁴.

Os capelães que atuavam no Japão, durante a ocupação, afirmaram estar interessados em aprender o japonês e em trabalhar com os habitantes, a fim de forjar laços com aquela nacionalidade¹⁵. O capelão judeu Milton Rosen

proferiu palestras a autoridades e civis japoneses e atendeu aos civis judeus que haviam escapado da Alemanha nazista — tudo enquanto atuava como guia espiritual das tropas estadunidenses. Muitos dos encontros de Rosen com os civis — no Japão e, mais tarde, na Coreia — foram informais e envolveram a educação e o respeito recíprocos por parte do capelão e dos habitantes. Segundo Rosen, essas interações tinham mais sucesso quando envolviam o aprendizado sobre a cultura do outro e quando as funções oficiais não impediam o desenvolvimento de relacionamentos pessoais¹⁶.

Emil Kapaun, um capelão católico, aprendeu a falar japonês para facilitar seu trabalho no país, mas — ao contrário de Rosen — ele entendeu claramente que seu papel lhe iria conferir muitas oportunidades para evangelizar. Escreveu em seu diário: “Nunca sonhei ser missionário; contudo, aqui estou, em uma terra de missão, em uma terra pagã... e, ao que parece, muitos japoneses acolherão a verdadeira fé”. A declaração de Kapaun aponta para um conflito possivelmente significativo para os capelães. Os que representam fés e denominações para as quais a pregação e a evangelização consistem em um princípio central podem enfrentar problemas ao trabalharem em ambientes marcados pelo pluralismo religioso. Nas Forças Armadas, os capelães afirmaram que, embora não fossem

pregar para adeptos de outras fés ou preferências religiosas, estavam autorizados a evangelizar militares que não fossem filiados a nenhum grupo religioso específico¹⁷. Entretanto, esses limites não se aplicavam, necessariamente, a interações com civis estrangeiros.

Mesmo depois da Guerra da Coreia, quando vários capelães relataram ter tido significativas interações e relacionamentos com congregações e refugiados coreanos, os documentos oficiais relativos ao seu papel não refletiam essa atividade como sendo uma função oficial. No manual de capelães de 1959, da Marinha, pouco se diz sobre suas interações com civis estrangeiros. As verbas excedentes obtidas nas capelas (contribuições voluntárias feitas durante cultos religiosos) eram, às vezes, doadas a organizações civis, com a anuência dos adeptos e do capelão, mas o manual de campanha do Exército não se manifestava quanto a esse tipo de interação¹⁸.

De várias formas, a guerra estadunidense no Vietnã indicou uma mudança sutil em direção ao desempenho de atividades formais no atendimento de objetivos militares, à medida que passou a ocorrer sobreposição de obrigações oficiais e não religiosas com as extraoficiais e religiosas, durante as ações cívico-sociais (ACISO). Segundo o guia de orientação sobre o Vietnã fornecido aos capelães, as atividades das ACISO consistiam em “utilizar os recursos militares em

benefício das comunidades civis, como prestar assistência a projetos de saúde, bem-estar ou construção civil; aumentar a qualidade de vida; aliviar o sofrimento; e melhorar a base econômica do país”. O programa buscou “conquistar o apoio, a lealdade e o respeito da população para com as Forças Armadas e a enfatizar o conceito de liberdade e valor do indivíduo”¹⁹.

Os comandantes das Divisões deveriam executar projetos com vistas a conquistar corações e mentes dos civis vietnamitas, em suas áreas de responsabilidade. Mais especificamente, as



Força Aérea dos EUA, 1º Sgt. Jim Varhegyi

Um capelão (centro) lidera voluntários do Comando Combinado de Transição de Segurança-Afeganistão, durante a distribuição de doações, Camp Eggers, Cabul, Afeganistão, 23 Jul 07.

iniciativas de ACISO incluíram tanto projetos de “curto prazo e alto impacto” (como a distribuição de mantimentos ou a escavação de poços para a obtenção de rápida aceitação em uma área) quanto de longo prazo (como a construção de escolas e hospitais, realizada por tropas estacionadas permanentemente em uma área)²⁰.

Os capelães contribuíram para os programas de ACISO mediante a coleta e a distribuição de doações feitas durante cerimônias religiosas e outras ocasiões²¹. Capelães em todo o mundo arrecadaram verbas para várias causas no Vietnã. Uma campanha bem-sucedida, para o Orfanato de Go Vap, resultou em mais de 32 mil dólares em contribuições²². Contudo, o Capelão-Chefe do Exército logo sentiu a necessidade de lembrar que as ACISO não integravam a esfera de obrigações oficiais dos capelães, recomendando que não se envolvessem demais nelas. Por exemplo, houve o caso de um capelão do Comando de Assistência Militar ao Vietnã que desejava iniciar um programa de apadrinhamento de tropas do Exército da República do Vietnã, a fim de atender à “necessidade urgente de roupas, sapatos... [e] artigos de higiene pessoal dos dependentes dos militares vietnamitas”. O Capelão-Chefe respondeu-lhe que tal assistência era merecida, mas que ele deveria trabalhar com os capelães dos estados-maiores do Exército dos EUA, do Vietnã e do próprio Comando de Assistência para providenciá-la, empregando os canais estabelecidos²³.

Apesar dos óbices institucionais, os próprios capelães frequentemente descreviam suas interações com os civis vietnamitas como sendo as mais significativas de suas missões. Esses esforços também aumentaram a boa vontade entre congregações e organizações religiosas nos Estados Unidos. Em 1971, por exemplo, um boletim de capelães da Igreja Metodista Unida publicou uma fotografia de Ralph VanLandingham, capelão na Base Aérea de Bien Hoa, entregando uma doação às freiras do Orfanato de Ke Sat, em Ho Nai. O título era “Para que as crianças possam ter ovos no café da manhã”, e a legenda explicava aos leitores que a doação de US\$ 239,00, utilizada para comprar galinhas, havia sido feita pela congregação protestante em Bien Hoa²⁴. Os capelães também acompanhavam médicos, enfermeiros e paramédicos em missões

médicas do programa de ACISO, ocasiões em que distribuíam guloseimas às crianças e estabeleciam contatos com os líderes locais²⁵.

Donald Rich, integrante de uma equipe de assistência militar, informou que estabeleceu contatos duradouros com vários missionários estadunidenses e igrejas vietnamitas. Por ser um capelão protestante designado para uma região afastada, ele muitas vezes precisou contar com a ajuda de padres vietnamitas, muitos dos quais falavam inglês, para proporcionar atendimento aos militares católicos em sua área de responsabilidade²⁶. Como na Segunda Guerra Mundial e na Guerra da Coreia, os capelães geralmente ajudavam os habitantes e as organizações estrangeiras cujas preferências em termos de fé se aproximavam das suas. A considerável minoria católica no Vietnã possibilitou muitas trocas interculturais e, ao mesmo tempo, intrarreligiosas.

Contudo, muitos capelães e tropas também tiveram frequente contato com vietnamitas budistas e animistas. Na busca por “corações e mentes”, muitos comandantes reconheceram a importância da compreensão intercultural e inter-religiosa. Em 1965, o Comandante da Força de Fuzileiros da Esquadra, o Vice-Almirante Victor Krulak, e o capelão de seu estado-maior, Allen Craven, trabalharam junto ao Capelão Robert Mole para desenvolver o “Projeto de Pesquisa Religiosa do Sudeste Asiático”²⁷. Este último converteu seu trabalho em um programa de orientação para tropas em todos os comandos da III Força Anfíbia do Corpo de Fuzileiros Navais²⁸. Mais tarde, o Capelão revisou seu programa, transformando-o no *Guia de Resposta Pessoal do Comandante*, que servia como uma cartilha sobre as tradições culturais e religiosas do Vietnã e do Sudeste Asiático e, o que é mais importante, enfatizava a necessidade de que os oficiais mudassem sua atitude e suas reações diante dos habitantes locais. Os capelães intervinham como assessores morais dos comandantes, quando reconheciam problemas que prejudicavam a efetividade dos programas de pacificação estadunidenses²⁹. No entanto, esses programas eram normalmente improvisados e dirigidos por um comandante específico e um capelão voluntário. Não havia a expectativa de que os capelães fossem especialistas nas

religiões do mundo ou na cultura local — mas, com efeito, os comandantes souberam explorar essas habilidades, quando disponíveis.

Depois que os Estados Unidos se retiraram do Vietnã, a comunidade de capelães enfrentou séria oposição por parte da comunidade religiosa civil e se empenhou em restabelecer sua missão e provar sua utilidade dentro das Forças Armadas. No aspecto pastoral, os capelães decidiram se concentrar no trabalho junto às famílias e na obtenção de direitos para os militares. Pelo lado institucional, eles se esforçaram em enfatizar a potencial importância estratégica de seu trabalho inter-religioso e humanitário. Em um artigo publicado em um boletim profissional, em 1985, capelães da Marinha que serviam na Coreia afirmaram ter frequentemente ajudado tripulações de navios visitantes em seus “projetos de relações comunitárias” junto a “orfanatos, hospitais ou asilos de idosos na área”, porque seus serviços eram vistos como uma fonte de “informações, recomendações e acordos” relevantes³⁰.

O período pós-Guerra Fria estimulou esse tipo de ocorrência. Capelães foram enviados com tropas estadunidenses para o Haiti e para a Bósnia. Contudo, a maioria dessas interações era de caráter informal e extraoficial, apoiando o aspecto humanitário do conflito e se concentrando na reconciliação de diferenças religiosas entre as populações locais³¹. Embora às vezes houvesse comandantes que incumbiam seus capelães de executar “ligação religiosa”, essa tarefa raramente era expressa como diretamente relacionada à missão estratégica. O trabalho dos capelães podia ter valor agregado, mas não substituía sua tarefa principal de apoiar os militares; tampouco era considerado, em geral, como sendo essencial para a missão.

Capelães do Século XXI

No século XXI, no contexto do mundo pós-11 de Setembro e de duas grandes intervenções estadunidenses no exterior, os capelães mais uma vez despontaram como mediadores culturais de suma importância. Nos primeiros anos do século, publicações da Marinha, do Exército e conjuntas ressaltaram a importância da religião e da cultura nos conflitos contemporâneos; além do possível papel do capelão como mediador cultural. Por exemplo, a Publicação Conjunta

1-05 — *Assuntos Religiosos em Operações Conjuntas (JP 1-05 — Religious Affairs in Joint Operations)* explica que o capelão das Forças Conjuntas, com a aprovação do comandante, “pode servir como ponto de contato para os líderes, instituições e organizações religiosas civis e militares [do país anfitrião], incluindo as capelanias militares existentes e as que estejam sendo estabelecidas”³². Os manuais do Exército e da Marinha fornecem instruções semelhantes aos seus capelães. A Marinha sustenta, ainda, que um capelão deve agir como “porta-voz, para estimular uma conscientização sobre os interesses, problemas e atitudes da população nativa”³³. Essas afirmações marcaram uma mudança significativa em relação às declarações extraoficiais ou semioficiais da época da Guerra Fria, que enfatizavam o papel pastoral do capelão e sua função como assessor do comandante quanto a questões de apoio religioso. Tais políticas e diretrizes se distanciaram do caráter humanitário das interações anteriores entre capelães e civis e entraram no campo de reconstrução nacional e de segurança da população.

Em intervenções militares prévias dos EUA, os capelães haviam interagido com civis que professavam uma fé parecida, na maioria dos casos. As ações no Afeganistão e no Iraque exigiram maior cooperação inter-religiosa. Embora as Forças Armadas contem com capelães muçulmanos, a maioria de seus atuais capelães afirma pertencer ao cristianismo protestante evangélico, e muitos deles afirmam que a conversão de não cristãos constitui um princípio fundamental de sua prática religiosa³⁴. Apesar disso, muitos capelães demonstraram o desejo de cooperar com líderes religiosos muçulmanos no Iraque e no Afeganistão, exibindo consideráveis habilidades nesse sentido.

No terreno, vários capelães e comandantes informaram estar trabalhando com sucesso junto aos líderes religiosos locais. Enquanto servia no 1º Batalhão do 19º Grupo de Forças Especiais, no Afeganistão, em 2004, o Capelão Eric Eliason conheceu vários militares afegãos que desejavam ter seu próprio capelão. Ele, então, treinou um mulá local para atuar nessa função, utilizando suas próprias experiências e os materiais de treinamento do Curso Básico de Oficiais para Capelães³⁵. O Capelão John Stutz, então servindo

no Centro de Operações Cívico-Militares da 101ª Divisão Aeroterrestre, no Iraque, atuou como ligação entre os imãs e uma unidade em Mosul, em uma ocasião em que líderes religiosos locais se sentiram desrespeitados por militares estadunidenses, que os haviam revistado. Esse mesmo capelão também providenciou uma visita de imãs locais aos detentos mantidos pela 101ª Divisão³⁶.

Diversos autores sugeriram que essa cooperação é possível porque os capelães e os líderes religiosos locais compartilham de certas visões de mundo e premissas sobre religião, incluindo a crença em Deus, a ideia de igualdade entre os homens, a prestação de contas a Deus, a importância da moral e a necessidade de justiça para que haja a paz³⁷.

Entretanto, essas premissas ignoram as significativas tendências históricas e culturais, que sugerem um relacionamento mais complicado, especialmente entre os capelães cristãos evangélicos e os líderes religiosos e tribais muçulmanos. Afinal de contas, os capelães vestem

a farda estadunidense e a insígnia religiosa — isto é, a cruz cristã —, que têm grande peso simbólico no mundo muçulmano³⁸. Por mais positiva a imagem que o Ocidente tenha sobre o diálogo inter-religioso, ele pode se tornar fatal em áreas sob o controle dos que seguem uma ideologia islamista extrema.

Ademais, é absurdo esperar que todos os capelães militares disponham de suficiente grau de instrução cultural e religiosa fora de sua própria fé, do desejo de servir como ligação com cidadãos estrangeiros e de uma visão de mundo ecumênica — que teria melhores chances de resultar em relacionamentos positivos. Colocando mais diretamente: é difícil imaginar que capelães que tenham promovido a evangelização entre populações muçulmanas consigam atuar como oficiais de ligação junto a líderes religiosos locais³⁹. Essas preocupações foram apenas brevemente mencionadas por aqueles que defendem a inclusão de missões de ligação religiosa para os capelães, como potenciais advertências. Elas ainda carecem de abordagem



Força Aérea dos EUA. Cb Samuel W. Goodman

Integrantes do Curso Básico de Oficiais capelães, no Forte Jackson, Carolina do Sul, participam de treinamento para uma cerimônia, no pátio de aeronaves da Base Conjunta de Charleston, Carolina do Sul, 23 Fev 10.



O Capelão-Chefe do Exército dos EUA, Gen Bda Douglas Carver, reúne-se com capelães e adjuntos durante visita ao aeródromo de Kandahar, Afeganistão, 28 Mar 11.

pragmática e doutrinária⁴⁰. Por outro lado, questões de gênero e teologia permanecem quase intocadas, como se diferenças fundamentais em crença e práxis não fossem importantes para os capelães militares estadunidenses e seus equivalentes no exterior.

Mesmo que as premissas questionáveis sobre o potencial dos capelães como “oficiais de ligação religiosa” formais fossem verdadeiras, ainda existem perigos bem reais quanto a esse tipo de transformação da especialidade, tanto de ordem filosófica quanto de ordem prática. Essa íntima ligação com as operações militares formais poderia prejudicar gravemente o *status* de não combatente dos capelães, sua segurança pessoal e sua credibilidade como sendo integrantes do clero, e não agentes de Inteligência humana. Embora o JP 1-05 estabeleça que eles não devam tomar nenhuma medida que possa prejudicar seu *status* especial, quase não existem orientações específicas sobre o que isso possa significar, o que, na prática, deixa essa decisão nas mãos dos próprios capelães e comandantes.

Essas políticas oficiais e experiências no terreno refletem o consenso nascente de que a religião

continuará a exercer um papel vital na construção nacional e nas operações de manutenção da paz, no futuro⁴¹. Sem dúvida, porém, nem todos os capelães se sentirão à vontade em atuar como “oficiais de ligação religiosa”; tampouco são particularmente adequados para trabalhar em um ambiente de pluralismo religioso ou contam com suficiente instrução e experiência para conduzir tais iniciativas. Embora tenham frequentemente interagido com estrangeiros, os capelães, individual e coletivamente, têm enfatizado que seu papel principal é prestar apoio e atendimento espiritual aos militares estadunidenses — função que, considerando o ritmo operacional das atuais missões, pode certamente ocupar a maior parte de seu tempo, se não todo ele. Os números, por si só, sugerem que os capelães estão sobrecarregados — especialmente no que diz respeito às minorias religiosas que não estão, obviamente, segregadas em unidades específicas. Embora um número crescente de militares indique não ter uma preferência religiosa ou se identifique com o ateísmo ou agnosticismo, os capelães seguem sendo recursos essenciais para o aconselhamento de indivíduos e famílias, a prevenção de suicídios

e a saúde mental⁴². Mesmo quando os capelães estiverem dispostos e aptos a desempenhar uma função de ligação religiosa, seus comandantes devem zelar pelo seu tempo e recursos, a fim de garantir que os militares sob seu comando recebam o devido apoio religioso e espiritual. Como oficial de estado-maior, o capelão atua em conformidade com a intenção, o planejamento e a orientação do comandante. Com efeito, são os próprios comandantes de batalhão e de brigada que se mostram os mais relutantes nos debates sobre ampliar as atribuições do capelão na zona de combate⁴³.

Se as Forças Armadas continuarem considerando a religião e a cultura na tomada de decisão sobre as operações de reconstrução nacional e de manutenção da paz, os capelães seguirão sendo elos fundamentais no estabelecimento de redes de líderes militares e civis. Os capelães precisam permanecer em alerta quanto à definição e à proteção de seu *status* de não combatente e de suas obrigações fundamentais para com os militares estadunidenses. Os comandantes também precisam trabalhar para restringir a formalização de um papel operacional para os capelães militares, especialmente em missões de construção nacional e contrainsurgência.

Ao mesmo tempo, compreender o envolvimento histórico dos capelães em iniciativas humanitárias e na formação de intensas conexões pessoais com

...compreender o envolvimento histórico dos capelães em iniciativas humanitárias e na formação de intensas conexões pessoais com civis estrangeiros deve validar um canal mais informal para esse tipo de trabalho...

civis estrangeiros deve validar um canal mais informal para esse tipo de trabalho, podendo oferecer diretrizes gerais quanto aos devidos limites, treinamentos e requisitos de pessoal, a fim de ampliar sua participação em negociações, assistência e relacionamentos interculturais. **MR**

REFERÊNCIAS

1. Há diversas obras sobre a posição ambígua dos capelães dentro das Forças Armadas e das comunidades religiosas. Especificamente, existe uma visão de que os capelães ocupam um espaço ambíguo entre as instituições e as culturas militares e religiosas, entre os mundos militar e civil e entre praças e oficiais. Eles são, ao mesmo tempo, integrantes plenos dessas instituições, mas atuam fora de alguns limites tradicionais. Por isso, eles talvez tenham maior flexibilidade para se movimentar entre as duas e possuam características de cada grupo que lhes conferem credibilidade. Contudo, de certo modo continuam “fora” do grupo, o que apresenta outros desafios para a integração e formação de identidade. Uma discussão mais detalhada dessas ideias consta de NEPSTAD, Sharon Erikson. *Convictions of the Soul: Religion, Culture, and Agency in the Central America Solidarity Movement* (Oxford: Oxford University Press, 2004); WHITT, Jacqueline E. “Conflict and Compromise: American Military Chaplains and the Vietnam War”, dissertação de doutorado, University of North Carolina at Chapel Hill, 2008.

2. Consulte, por exemplo, EMERY, Norman. “Intelligence Support to Information Operations: Staff Chaplains”, *Military Intelligence Professional Bulletin* (July-September 2003); Center for Army Lessons Learned (CALL) Training Techniques (TQ2-2003); SMITH, David E., “The Implications of Chaplaincy Involvement within Information Operations” IOSphere (Fall 2006); p. 43-50. Essa mudança também é evidenciada no FM 1-05, *Religious Support* (Abril 2003), e *The Army Chaplaincy*, que, em 2009, dedicou uma versão inteira ao tema de religiões do mundo e ao efeito da religião sobre as operações militares.

3. Quanto à composição do Quadro de Capelães Militares, consulte GOODSTEIN, Laurie. “Evangelicals Are a Growing Force in the Military Chaplain Corps”, *New York Times*, 12 July 2005; TOWNSEND, Tim. “Evangelical Christianity Disproportionately Represented by Military Chaplains”, *St. Louis Post-Dispatch*, 12 Jan. 2011.

4. Sobre o papel da religião na contrainsurgência, consulte MORRIS, David. “The Big Suck: Notes from the Jarhead Underground”, *Virginia Quarterly Review* (Winter 2007), disponível em: <<http://www.vqronline.org>>, acesso em: 15 jul.

2011; HOFFMAN, Frank. “Luttwak’s Lament”, *Small Wars Journal* (22 April 2007), disponível em: <<http://smallwarsjournal.com>>, acesso em: 15 jul. 2011; KILCULLEN, David. “Religion and Insurgency”, *Small Wars Journal* (12 May 2007), disponível em: <<http://smallwarsjournal.com>>, acesso em: 15 jul. 2011. Esses analistas discordam sobre o caráter religioso das insurgências no Iraque e no Afeganistão, e alguns deles defendem que elas são motivadas por ideologias islamistas fundamentalistas, sendo, portanto, “especialmente violentas e fanáticas” (ver Hoffman e Edward Luttwak). Outros argumentam que, na verdade, a religião não é a base dessas insurgências, mas uma cobertura retórica e uma ferramenta de manipulação (ver Kilcullen). Esse debate tem grande importância, porque as respostas de contrainsurgência estão ligadas à compreensão das motivações e da cultura dos insurgentes e da população onde eles atuam.

5. Consultar, por exemplo, ADAMS, George. “Chaplains as Liaisons with Religious Leaders: Lessons from Iraq and Afghanistan”, *Peaceworks* no. 56, United States Institute of Peace (March 2006); LLOYD, Scottie. “Chaplain Contact with Local Religious Leaders: A Strategic Support”, United States Army War College Paper, 2005; um relatório elaborado pelo 2º Ten Brandon Eliason, para a Universidade de Inteligência Militar, chega a sugerir que os capelães não só são qualificados, como talvez sejam os mais aptos e disponíveis para desempenhar uma função de oficial de ligação religiosa junto aos chamados “Conselhos do Despertar” sunitas, formados em resposta à crescente ameaça da Al Qaeda no Iraque, Eliason, “Awakening Councils in Iraq”, University of Military Intelligence, 2008.

6. GROVES SR., Leslie R. “Campaigning a la Hobo”, Archives, U.S. Army Chaplain Center and School, Fort Jackson, SC, p. 9.

7. HOURIHAN, William J. “Before the Chaplain Assistant”, *The Army Chaplaincy* (Spring 1999).

8. C.H. Martin to Adjutant General, Headquarters Provost-Marshall-General, Department of Cemeteries, Manila, 29 July 1899; George P. Anderson to Assistant Adjutant General, Headquarters Provost-Marshall-General, Department of Public Instruction, Manila, 25 July 1899, Annual Report of the Major-General

Commanding the Army 1899, Part II (Washington, DC: Government Printing Office, 1899), p. 271. Os capelães decerto não eram os únicos militares a assumir obrigações administrativas civis, mas esse envolvimento marcou uma mudança significativa rumo a torná-los plenamente envolvidos na missão militar de suas unidades.

9. BUDD, Richard. *Serving Two Masters: The Development of the American Military Chaplaincy, 1860-1920* (Lincoln: University of Nebraska Press, 2002).

10. HICKS, Arthur. Correspondência com a esposa, December 1918-March 1919, "Chaplain (CPT) Arthur Hicks—With Army in Europe (WWI)—#6618", United States Institute for Military History, Carlisle, PA.

11. TM 16-205, *The Chaplain*, Department of the Army (1944), p. 64.

12. TM 16-205 (1944), *The Chaplain*, Department of the Army, p. 64.

13. EICHHORN, David Max. *The GI's Rabbi: World War II Letters of David Max Eichhorn*, ed., Greg Palmer and Mark S. Zaid (Lawrence: University Press of Kansas, 2004), p. 231.

14. HOURIHAN, William J. "U.S. Army Chaplain Ministry to German War Criminals at Nuremberg, 1945-1946", *The Army Chaplaincy* (Winter-Spring 2000): p. 15; SLOMOVITZ, Albert Isaac. *The Fighting Rabbis: Jewish Military Chaplains and American History* (New York: New York University Press, 1999), p. 108.

15. ROSEN, Milton J. *An American Rabbi in Korea: A Chaplain's Journey in the Forgotten War* (Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2004), p. 11.

16. ROSEN, p. 28, p. 32, p. 4-48.

17. A distinção entre as duas atividades é sutil. Assim, "evangelizar", nesse contexto, está mais próximo do significado de pregar ou comunicar em uma conversa informal, voltando-se para aqueles que declaram não professar uma fé, ao passo que "converter" refere-se a algo mais ativo e pode se dirigir aos que declaram ter uma crença. Originalmente, a organização National Conference on Ministry (NCMAF) estabeleceu a distinção para as Forças Armadas, mas ela vem se tornando uma importante linha divisória, especialmente para os capelães evangélicos militares. Contudo, em 2005, a Força Aérea tomou a medida de deixar de circular o documento, para que não fosse confundido com uma política interna. Confirma COOPERMAN, Alan. "Air Force Withdraws Paper for Chaplains", *Washington Post* (11 October 2005). A distinção entre as duas atividades também foi alvo de exame em função da proibição de "converter" (mas não "evangelizar"), na Diretriz Geral Número Um do Comando Central dos EUA. Essa distinção não é satisfatória para os críticos da capelania, que alegam que "evangelizar" os que não tenham uma preferência religiosa é algo tão problemático (e potencialmente coercitivo) quanto a "conversão" ativa. Confira GOODSTEIN. "Evangelicals Are a Growing Force".

18. DEPARTMENT OF THE NAVY. *Chaplains' Manual*, NAVPERS 15664-B (Washington DC: Department of Naval Personnel, 1959), p. 8, p. 20, p. 23.

19. "Chaplain Orientation—RVN", U.S. Army Chaplain School, Fort Hamilton, NY, December 1968, p. 1-5, USACHCS Vietnam Files, Box 5. Os Programas de Ação Cívico-Social, nesse caso, não devem ser confundidos com um programa do Corpo de Fuzileiros Navais, os Pelotões de Ação Combinada, cuja sigla em inglês é a mesma.

20. *Ibid.*

21. Os capelães utilizam verbas sem destinação para fins extraordinários e para a aquisição de acessórios religiosos específicos a denominações, como castiçais ou cruzeiros processionais. Contudo, os capelães muitas vezes empregam verbas destinadas de forma imprópria, para esta última finalidade.

22. DEPARTMENT OF THE ARMY. Office of the Chief of Chaplains, Historical Review, 1965-1966.

23. DEPARTMENT OF THE ARMY. Office of the Chief of Chaplains, Historical Review, 1967-1968, p. 46.

24. United Methodist Chaplain Newsletter, Commission on Chaplains and Related Ministries, United Methodist Church, December 1971, 1, USACHCS, Vietnam Files, Box 7.

25. *Ibid.*

26. *Ibid.*

27. MOLE, Robert L. "Unit Leader's Personal Response Handbook" (Washington DC: GPO, 1968).

28. LOVELAND, Anne C. "Prophetic Ministry and the Military Chaplaincy during the Vietnam Era" in *Moral Problems in American Life: New Perspectives on Cultural History*, ed. Karen Halttunen and Lewis Perry (Ithaca, NY: Cornell University Press, 1998), p. 251.

29. Department of the Navy, Office of the Navy Chief of Chaplains, NEWMAN, Warren. "Personal Response Project: A Shaft of Sunlight", *Navy Chaplains Bulletin* 3, no. 3 (1982), p. 32-33.

30. TRAHAN, Lt. J.E. Department of the Navy, Office of the Chief of Naval Operations "COMFLEACT China, Korea", *Navy Chaplains Bulletin* 1 (Summer 1985), p. 27.

31. LAWSON, Kenneth E. *Faith and Hope in a War-Torn Land: The US Army Chaplaincy in the Balkans, 1995-2005*.

32. Joint Publication 1-05, *Religious Support in Joint Operations* (Washington

DC: JCS, 2004), cap. 2, parágrafo 3.

33. United States Army, Field Manual 1-05, *Religious Support* (Washington DC: GPO, 2003); United States Navy, Navy Warfare Publication, 1-05 (Newport, RI: Department of the Navy, 2003), parágrafo 5.8.4.

34. Em 2009, o Centro de Dados da Defesa sobre o Efetivo (Defense Manpower Data Center) registrou a existência de 11 capelães muçulmanos para pouco mais do que 5 mil militares que se identificaram como muçulmanos. Em termos de apoio de capelães às minorias religiosas, tanto judeus quanto muçulmanos contam com uma representação além do requerido. A contagem de capelães "evangélicos" varia, dependendo de como certas denominações são codificadas. Para obter dados sobre o número de adeptos religiosos dentro das Forças Armadas estadunidenses e sobre a distribuição eclesial de capelães desde 2009, confira Military Association of Atheists and Freethinkers, "Demographics", disponível em: <<http://www.militaryatheists.org/demographics.html>>, acesso em: 14 jul. 2011.

35. ADAMS, George. "Chaplains as Liaisons with Religious Leaders: Lessons from Iraq and Afghanistan", *Peaceworks* no. 56, United States Institute of Peace (March 2006), p. 31.

36. *Ibid.*, p. 27.

37. Confira: DIDZIULIS, Joseph R. "Winning the Battle for Hearts and Minds: Operationalizing Cultural Awareness during Stability Operation", Air Command and Staff College Paper, April 2008, 25; GRIFFIN, LaMar. "Strategic Religious Dialogue: A Chaplain's Perspective on Religious Leader Liaison", *Review of Faith and International Affairs* 7, no 4 (2009); MOORE, S.K. *The Ministry and Theology of Reconciliation in Operations* (n.p., n.d.), 29, citado em LLOYD, Scottie. "Chaplain Contact with Local Religious Leaders: A Strategic Support", United States Army War College Paper, p. 4; NYANG, Sulayman S. "Challenges Facing Christian-Muslim Dialogue in the United States", in *Christian-Muslim Encounter*, eds. Yvonne Y. Haddad and Wadi Z. Haddad (Gainesville: University Press of Florida, 1995), p. 336.

38. Quanto ao simbolismo potencial de capelães militares, especialmente a presença dos cristãos em áreas predominantemente muçulmanas: GUTKOWSKI, Stacey; WILKES, George. "Changing Chaplaincy: A Contribution to Debate over the Roles of U.S. and British Military Chaplains in Afghanistan", *Religion, State, and Society* 39, no 1 (11 March 2011): p. 111-24.

39. Quanto à utilização da religião de modos menos aceitáveis por capelães e outros oficiais: JOYCE, Kathryn. "Christian Soldiers", *Newsweek*, 19 Jun. 2009; "GIs Told to Bring Afghans to Jesus", *Knight Ridder/Tribune*, 4 May 2009; SHARLETT, Jeff. "Jesus Killed Mohammed: The Crusade for a Christian Military", *Harper's Magazine*, May 2009, p. 31-43.

40. Consulte: BRINSFIELD, John W.; WESTER, Eric. "Ethical Challenges for Commanders and Their Chaplains", *Joint Forces Quarterly* 54, no. 3 (2009): p. 20-21; SMITH, Steven L.; WESTER, Eric. "Letters", *Joint Forces Quarterly* 57, no. 2 (2010): p. 5-6; SEIPLE, Chris "Ready... Or Not: Equipping the U.S. Military Chaplain for Inter-Religious Liaison", *Review of Faith and International Affairs* 7, no. 4 (2009); JOHNSTON, Douglas. "U.S. Military Chaplains: Redirecting a Critical Asset", *Review of Faith and International Affairs* 7, no. 4 (2009).

41. Consulte, por exemplo: ALGER, Chadwick F. "Religion as a Peace Tool", *The Global Review of Ethnopolitics* 1 (June 2002): p. 94-109; APPELBY, Scott R. "Religion as an Agent of Conflict Transformation and Peacebuilding", in *Turbulent Peace: The Challenges of Managing International Conflict*, eds. Chester A. Crocker, Fen Osler Hampson, Pamela Aall (Washington DC: U.S. Institute of Peace Press, 2001), p. 821-41; GOPIN, Marc "Religion, Violence, and Conflict Resolution", *Peace and Change* 22 (January 1997): p. 1-31; JOHNSTON, Douglas M. *Faith-Based Diplomacy: Trumping Realpolitik* (New York: Oxford University Press, 2003); KAY, Emma; LAST, David. "The Spiritual Dimension of Peacekeeping: A Dual Role for the Chaplaincy?" *Peace Research* 31 (Feb. 1999); REYSCHLER, Luc. "Religion and Conflict", *International Journal of Peace Studies* 2 (Jan. 1997): p. 19-38; SEIPLE, Robert; HOOVER, Dennis R., eds., *Religion and Security: The New Nexus in International Relations* (Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2004).

42. O Quadro de Capelães do Exército estabeleceu suas prioridades estratégicas para o período 2009-2014, que incluem um foco em todas essas áreas. Os papéis discutidos nesse caso — isto é, atuar como agentes de ligação religiosa e assessorar os comandantes quanto a religiões da região e do mundo — constituem apenas dois de 26 "objetivos principais" para o período em questão. "The Army Chaplaincy Strategic Plan, 2009-2014", disponível em: <<http://www.chapnet.army.mil/Documents/StratPlan.pdf>>, acesso em: 14 jul. 2011. Consulte, também: BROWN, Vicki. "Chaplains on the Front Lines of Suicide Prevention", (30 Jul. 2009), United Methodist Church, disponível em: <<http://www.umc.org/site/apps/nlnet/content.aspx?c=1wL4Kn1L1H&b=4776577&ct=7264511>>, acesso em: 14 jul. 2011.

43. Para obter mais informações, consulte o fórum de discussão da publicação *Small Wars Journal*. "Chaplains as Liaisons with Religious Leaders: Lessons from Iraq and Afghanistan", (3 April 2006), disponível em: <<http://council.smallwarsjournal.com>>, acesso em: 15 jul. 2011.